

RUÍDO BRANCO, SILÊNCIO NEGRO: intersecções na poesia de Ricardo Aleixo e Michel Yakini

Laetia Jensen Eble

Doutoranda na Universidade de Brasília
Orientadora: Regina Dalcastagnè



POEMISSÃO

Michel Yakini

... **desenzalar**
a cognição, **desacoturnar**
as veredas,

desconhecer as fardas
e **desenquadrar** as
esquinas,

aguçar as teias
esparramar pigmentos
plantar nas brechas da carne

encrespar
as espirais
me aquilombar
na confluência malunga,

me umbigar nos quintais
como semente forte,
fecunda

receber passes
de agrado e segredo
me nutrir da doçura
dos grandes pequenos

amar...
com mais cor
escurecer a
afirmação

para firmar os vestígios,
aquecer os silêncios
de vida e presença
aos que virão

SER SILÊNCIO

Michel Yakini

me deixe ser silêncio
ser silêncio

sem verdade escorrendo no
esgoto
sem punho mirando revides
sem verso nem versões

só silêncio

nas madrugadas frias
entre disparos e derrames
nos gritos afogados
[...]

Resumo

Este trabalho propõe uma análise comparativa dos poemas presentes nas obras *Impossível como nunca ter tido um rosto*, de Ricardo Aleixo, e *Acorde um verso*, de Michel Yakini. Ambos os autores produzem uma poesia refinada esteticamente e ao mesmo tempo pungente, por um lado atenta à linguagem e, por outro, atenta a questões como identidade e alteridade. Nessa investida, focada nesses dois livros em especial, destacarei elementos que aproximam esses dois autores de origens distintas – um mineiro e um paulista.

Palavras-chave: Michel Yakini, Ricardo Aleixo, poesia brasileira contemporânea, literatura comparada.

Introdução e Justificativa

Este proposta é uma exaltação ao(s) silêncio(s) na poesia de Ricardo Aleixo e Michel Yakini. Um silêncio que tem cor, é negro, e tem cor, que em latim significa coração, afeto, vontade e coragem.

Por um lado, o silêncio é lugar da subjetividade, é por meio do silêncio que o sujeito expõe sua perspectiva. Por outro, o silêncio é também silenciamento. Como afirma Eni Puccinelli Orlandi (2007, p. 11-12) na introdução de *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, “há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido”. Mas há também um silêncio que diz respeito a “um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não dito”.

Nos poemas de Aleixo e Yakini, percebemos essas duas instâncias em ação na tessitura dos versos, que partem de vivências comuns ao ser negro e sugerem visões de mundo muito similares, motivo que instiga uma análise mais detida.

Objetivo e Metodologia

Neste trabalho, contraponho esse silêncio negro que emerge do tecido dos poemas aqui analisados ao *ruído branco* – que na acepção técnica original descreve um tipo de ruído que, por conter a combinação simultânea de todas as frequências sonoras e eletromagnéticas, é capaz de mascarar outros sons. Utilizo, assim, a expressão como metáfora do discurso hegemônico branco que se pretende universal e impõe um excesso de discursos que se sobrepõem ao discurso de outras alteridades, silenciando-as.

Desse modo, apoiando-me em um instrumental da análise do discurso, proponho uma leitura comparada dos versos de Aleixo e de Yakini para observar como os dois poetas dialogam com esse ruído branco, oferecendo um discurso que se contrapõe a este, na medida em que trazem para o primeiro plano os silêncios, tanto os silenciamentos impostos (o calar) quanto os não ditos impregnados nesses mesmos versos, que apontam para fora da linguagem – assim como o avesso do bordado é o que lhe dá a forma.

Resultados

De acordo com Orlandi (2007, p. 24), o silêncio é “a possibilidade, para o sujeito, de trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do ‘um’ com o ‘múltiplo’, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso sempre remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa.”

Na poesia, assim como em qualquer discurso, o eu-lírico/sujeito poético não apenas seleciona o que dizer, mas também o que não dizer. O não dito potencializa o dito e lhe confere os sentidos que aquelas palavras precisam ter naquela situação. Para Obdália S. F. Silva (2008, p. 42) “os sentidos são condicionados, dada a forma com que os discursos se inscrevem na língua e na história; a incompletude do discurso conduz o sujeito a mergulhar na exterioridade, na história para inscrevê-la na continuidade interna do discurso”.

Na noite calunga do bairro Cabula, de Ricardo Aleixo, sabe-se, por declaração do próprio poeta, que se trata de um poema em memória aos 13 jovens negros executados pela polícia em fevereiro 2015, no bairro Cabula, na periferia de Salvador. No entanto, o poema não se constrói como denúncia, como declaração. Antes, se coloca sob a forma de perguntas – “Morri quantas vezes?” – que instauram um silêncio histórico, um espaço significativo que é preenchido pelas respostas que não são dadas.

Por sua vez, em *Poemissão*, Michel Yakini substitui o expediente da afirmação pelo uso do prefixo “des” (desenzalar, desacoturnar, desconhecer, desenquadrar), que marca a necessidade de cessação de algo que o poema não diz o que é, mas o leitor entende bem. Os vocábulos do poema, selecionados de um repertório ligado à negritude (encrespar, aquilombar, malunga) localizam o sujeito poético pela cor, mas as conexões dadas pela leitura não estão no poema, estão nos silêncios que só se preenchem no ato da leitura, que “acorda” o verso (aproveitando a sugestão do título do livro plurissignificativo de Yakini).

Conforme afirma Regina Dalcastagnè (2008, p. 208), “ser negro numa sociedade racista não é apenas ter outra cor, é ter outra perspectiva social (nos termos de Iris Marion Young), outra experiência de vida, normalmente marcada por alguma espécie de humilhação.” É exatamente essa perspectiva que emerge dos silêncios analisados aqui e que oferece a chave de leitura para os poemas.

Bibliografia

DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Gragoatá Niterói*, n. 24, p. 203-219, 2008.
ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
SILVA, Obdália Santana Ferraz. Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem. *Revista Faced*, Salvador, n. 14, p. 39-53, jul./dez. 2008.

NA NOITE CALUNGA DO BAIRRO CABULA

Ricardo Aleixo

Morri quantas vezes
na noite mais longa?

Na noite imóvel, a
mais longa e espessa,

morri quantas vezes
na noite calunga?

A noite não passa
e eu dentro dela

morrendo de novo
sem nome e de novo

morrendo a cada
outro rombo aberto

na musculatura
do que um dia eu fui.

Morri quantas vezes
na noite mais rubra?

Na noite calunga,
tão espessa e longa,

morri quantas vezes
na noite terrível?

A noite mais morte
e eu dentro dela

morrendo de novo
sem voz e outra vez

morria a cada
outra bala alojada

no fundo mais fundo
do que eu ainda sou

(a cada silêncio
de pedra e de cal

que despeja o branco
de sua indiferença

por cima da sombra
do que eu já não sou

nem serei nunca mais).
[...]



grupo de estudos em
literatura brasileira
contemporânea



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais